

NISE DA SILVEIRA – Conheci o trabalho dessa mulher extraordinária na década de 1950, quando estudava medicina e pretendia ser psiquiatra. Ela se destacava – olhada com desconfiança pelos médicos tradicionais e também pela corrente hegemônica da psicanálise – por sua busca de métodos, ao mesmo tempo, eficientes e em condições de ser aplicados no atendimento público dos doentes mentais.

Isso representava rejeitar a terapia de choque – elétrico ou químico –, a lobotomia e a anulação das pessoas pelo uso contínuo e excessivo de medicamentos; mas também elidia o caráter dialógico e os rituais que tornaram a psicoterapia analítica recurso de gente rica com duvidosa eficácia.

Baseado em Carl Jung, seu trabalho com esquizofrênicos e, em particular, o uso da expressão artística como forma terapêutica e de acompanhamento na recuperação dos pacientes representavam uma alternativa luminosa ao desespero dos manicômios.

Coerente com sua escolha política e com o humanismo social que inspirou os melhores intelectuais brasileiros de seu tempo, Nise trabalhou no Hospital Psiquiátrico Pedro II, instituição pública do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro.

A personagem é lembrada em um filme de ficção – “A senhora das imagens”, de Roberto Berliner (distribuição Imagem Filmes) – e no documentário “Post-facio - Imagens do Inconsciente”, de Leonn Hirsman (1956), recuperado e reeditado por Eduardo Escorel em 2013.